

# ESTADOS UNIDOS - REPÚBLICA POPULAR DA CHINA - FEDERAÇÃO RUSSA: A Disputa Geopolítica na Eurásia (2001-2022)

*Henrique Risério Ramos<sup>1</sup>*

*Flávio Rocha de Oliveira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Este trabalho analisou as interações geopolíticas entre Rússia, China e Estados Unidos na Eurásia de 2001 a 2022. A partir das formulações teóricas de Saul B. Cohen, os *shatterbelts*, e do conceito de estados-pivô geopolíticos, de Z. Brzezinski, destacaram-se duas áreas de disputa: a zona de convergência europeia, evidenciada na Guerra na Ucrânia, e a disputa pelos mares adjacentes à China e Taiwan. Conclui-se que a Eurásia, principalmente a região do *rimland*, é de grande importância geopolítica para os grandes poderes, o que implica em disputas contínuas, e que está colocada a possibilidade do surgimento de novos *shatterbelts* e um aumento do valor estratégico dos estados-pivô geopolíticos para as três grandes potências.

**Palavras Chave:** Eurásia, Grandes Potências, *Shatterbelts*, *Rimland* e Estados-Pivô Geopolíticos

## **UNITED STATES - PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA - RUSSIAN FEDERATION: The Geopolitical Contest in Eurasia**

**Abstract:** This paper analyzed the geopolitical interactions between Russia, China and the United States in Eurasia from 2001 to 2022. Stemming from the theoretical formulations of Saul B. Cohen, the *shatterbelts*, and the concept of geopolitical pivot states, from Z. Brzezinski, two areas of contentions were highlighted: the European convergence zone, exemplified by the war in Ukraine, and the contest in the waters adjacent to China and Taiwan. It is concluded that Eurasia, particularly the *rimland* region, holds significant geopolitical importance for major powers, resulting in ongoing disputes, confirming the possibility of emergence of new *shatterbelts* and an increased strategic value of geopolitical pivot states for the three major powers.

**Key-words:** Eurasia, Major Powers, *Shatterbelts*, *Rimland*, Geopolitical Pivot States.

## **ESTADOS UNIDOS - REPÚBLICA POPULAR CHINA - FEDERACIÓN RUSA: La Disputa Geopolítica en Eurasia (2001-2022)**

**Resumen:** Este trabajo analizó las interacciones geopolíticas entre Rusia, China y Estados Unidos en Eurasia desde 2001 hasta 2022. Basándose en las formulaciones teóricas de Saul B. Cohen sobre los "shatterbelts" y en el concepto de estados-pivote geopolíticos de Z. Brzezinski, se destacaron dos áreas de disputa: la zona de convergencia europea, evidenciada en la Guerra en Ucrania, y la disputa por los mares adyacentes a China y Taiwán. Se concluye que Eurasia, especialmente la región del "rimland", tiene una gran importancia geopolítica para las grandes potencias, lo que implica disputas continuas, y que existe la posibilidad de que surjan nuevos "shatterbelts" y un aumento en el valor estratégico de los estados-pivote geopolíticos para las tres grandes potencias.

**Palabras clave:** Eurasia, Grandes Potencias, "Shatterbelts", "Rimland" y Estados-Pivote Geopolíticos.

<sup>1</sup> Graduado em Relações Internacionais pela Universidade Federal do ABC.

<sup>2</sup> Professor da Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal do ABC (UFABC). Professor do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UFABC.

## Introdução

O presente artigo se propõe a explicar qual o comportamento geopolítico de Rússia, China e Estados Unidos na disputa por influência e poder na Eurásia. Este trabalho tem sua importância ressaltada devido ao crescente acirramento de tensões entre as potências e a observação de alguns conflitos e crises já em curso, os quais têm desdobramentos que são refletidos na economia, na política e no equilíbrio de poder do mundo todo. A pesquisa consiste em uma análise da estrutura geopolítica da Eurásia como forma de compreender os acontecimentos observados e também de cogitar alguns quadros possíveis para o período futuro, resultantes dessa conformação geopolítica. Foi estabelecido um recorte temporal para o tópico de estudo, entre os anos de 2001 e 2022.

O início do trabalho consiste em uma discussão conceitual a partir dos trabalhos de Halford John Mackinder, Nicholas Spykman, Zbigniew Brzezinski e Saul Bernard Cohen, os quais formam o referencial teórico desta pesquisa. Em seguida, procede-se a uma breve contextualização dos cenários de Rússia e China, as quais desafiam o *status quo* hegemônico dos EUA. Por último, será tratado efetivamente como esses três poderes interagem entre si na Eurásia, identificando se essas relações são competitivas ou cooperativas, como influenciam na conjuntura geopolítica de determinada região, como influenciam países de menor força por meio de suas ações, explorando como o cenário geopolítico da Eurásia se encontra em meio ao jogo de poder das grandes potências e quais são as principais áreas de tensão envolvidas. Finalmente, serão apresentadas algumas considerações finais sobre a centralidade da região eurasiática na disputa entre as três grandes potências.

## 1. Pensamento Geopolítico

### 1.1 John Halford Mackinder

Dentre as escolas geopolíticas que se consolidaram durante o século XX temos a vertente britânica, com seu principal teórico sendo Halford Mackinder<sup>3</sup>. Para ele, após o fim de uma era de expansão naval, sobraram poucos, ou nenhum, locais no globo ainda não reivindicados pelas potências imperialistas. O mundo se tornara um sistema político fechado. Dessa forma, qualquer movimentação no

---

<sup>3</sup> Enquanto a escola norte-americana, principalmente com Mahan, destacava em suas teses a superioridade do poder naval em detrimento do terrestre, Mackinder propunha o contrário.

cenário político mundial impactava o equilíbrio de forças entre as nações. (MACKINDER, 1904)

Mackinder, em 1904, apresentou seu artigo "The *geopolitical pivot of history*" na Real Sociedade Geográfica. Nessa obra, Mackinder explica que a história da civilização européia consistia na luta pela sua sobrevivência e defesa contra as invasões asiáticas. As características geográficas da Ásia favorecem tanto o surgimento de grandes povos nômades, quanto as suas incursões em direção ao continente europeu. Parte desse processo se justifica pelas vastas estepes da Ásia central, que são regiões amplas e próprias para animais de montaria devido ao pasto e ao acesso limitado à água que inviabiliza o surgimento de grandes florestas. (MACKINDER, 1904)

Ao analisar as discrepâncias territoriais entre os estados europeus, sobretudo a Rússia em relação aos demais, as características climáticas e geográficas da Eurásia, e a história das invasões de povos asiáticos, Mackinder concluiu que o poder dominante seria o terrestre. A partir dessa análise, o autor então desenvolveu o conceito do *heartland*, o qual corresponde a uma área central (*core area*) compreendendo as regiões centrais e norte da Eurásia, basicamente o que se tornaria um dia o território russo. Dito isso, e considerando o contexto histórico de competição entre as potências imperialistas no início do século XX, o que incluía sua nação, a Grã-Bretanha, Mackinder se preocupava sobretudo com a possibilidade de expansão do Império Czarista. (MACKINDER, 1904)

O *Heartland*, na época dominado pelo Império czarista, portanto, funciona para Mackinder como a área pivô da política mundial, devido a sua centralidade e importância. Fica claro, portanto, a importância dessa região, visto que ela foi capaz de nutrir um Império terrestre poderoso o suficiente para subjugar praticamente todas as regiões costeiras do continente eurasiático, tudo isso graças ao núcleo de sua força estando consubstanciado no *heartland*. (MACKINDER, 1904)

## 1.2 Nicholas Spykman

Nicholas Spykman é um dos teóricos mais relevantes da escola estadunidense de geopolítica. Sua contribuição, ao mesmo tempo que se baseia em grande parte na obra de Mackinder, se constitui praticamente como uma antítese das teorias propostas pelo inglês. Spykman defendia uma atuação incisiva da política externa dos EUA pelo mundo. Em sua concepção, a estratégia de

segurança de Washington deveria deixar de lado ideias isolacionistas e adotar o intervencionismo estratégico, caso contrário, na ausência dos EUA, outros poderes hegemônicos poderiam surgir e colocar em perigo os interesses norte-americanos. (SPYKMAN, 1943).

Em sua visão, o território estadunidense se encontra cercado pelas massas territoriais da Eurásia, África e Oceania. Os Oceanos Pacífico e Atlântico funcionariam como barreiras a tal cerco, porém, em última instância, esse posicionamento reflete uma pressão em ambas as frentes longitudinais do continente americano e, naturalmente, dos EUA. O exemplo mais factível dessa conjuntura se encontra na Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha Nazista era vista como um risco à segurança estadunidense pelo lado ocidental, enquanto o Japão Imperial representava o mesmo temor pelo flanco oriental. Spykman entende, portanto, que se um poder antagônico aos EUA, ou uma coalizão de poderes antagônicos, obtivessem o controle da Eurásia - como o Eixo tentou durante a Segunda Guerra - o país sofreria um verdadeiro cercamento, o que seria uma catástrofe geopolítica pois, sob tais circunstâncias, seria inviável manter a segurança e uma real independência nacional. (SPYKMAN, 1943)

Sendo assim, para Spykman a Eurásia pode ser dividida entre *Heartland* e *Rimland*<sup>4</sup>. Essa nova denominação (*rimland*) seria mais apropriada, na perspectiva de Spykman, pois um fator importante nesse quadro era a capacidade de conexão desses territórios costeiros por meios terrestres e navais. Ou seja, essas regiões de duplas frentes (marítima e terrestre) poderiam ser conectadas em cadeia por meio do poder naval, o qual para Spykman era de importância crucial para a prevalência do poder na Eurásia. (SPYKMAN, 1943)

O *rimland* para Spykman é a área mais estratégica e importante para o controle sobre a Eurásia. Na análise histórica de Spykman, ele ressalta como os poderes insurgentes das Guerras Napoleônicas (França) e da Primeira e Segunda Guerras Mundiais (sobretudo a Alemanha) surgiram de países que se encontravam no *rimland*, e que representaram uma verdadeira ameaça à potência hegemônica vigente. Destaca, também, que, nesses contextos, o triunfo contra as nações insurgentes do *rimland* foi apenas possível por meio de uma colaboração entre poderes do *heartland* e de regiões *offshore*, ou seja, fora da Eurásia. Nesses casos,

---

<sup>4</sup> O qual, na obra de Mackinder, era denominado *inner crescent*

com a Rússia sendo o poder do *heartland* e o Reino Unido o poder da região *offshore*.

Diante de tal conjuntura, Spykman afirma que também é do interesse das potências fora da Eurásia não permitir que alianças robustas intra *rimland* sejam forjadas. Esses pontos são determinantes para a condição geopolítica mundial pois para Spykman quem controla o *rimland* domina a eurásia, e quem domina a eurásia controla os destinos do mundo (SPYKMAN, 1943). Sendo assim, não seria do interesse nacional dos EUA que a Eurásia fosse controlada inteiramente por um único poder, pois assim sua segurança poderia ser colocada em risco.

### 1.3 Brzezinski

Para Brzezinski, o território da Eurásia é, historicamente, crucial para a sustentação do poder de potências hegemônicas, e o mesmo vale para os EUA em sua condição de *hegemon* mundial. Para ele: “A primazia global dos EUA é diretamente dependente de quanto tempo e de quão efetivamente sua preponderância no continente Eurasiano é sustentada.” (BRZEZINSKI, 1997, p.30)

Todavia, o vasto território eurasiático é “grande demais para ser politicamente unificado” (BRZEZINSKI, 1997, p. 31.). Portanto, as suas sub regiões se tornam altamente relevantes, pois uma vez que sua extensão física torna inviável um controle político único, esse supercontinente acaba por se tornar um verdadeiro tabuleiro de xadrez geopolítico, como caracterizado no título da obra de Brzezinski, com os países movendo suas peças e tomando controle de determinados espaços. (BRZEZINSKI, 1997)

Sendo assim, os EUA devem pensar estrategicamente na alocação de seus recursos e esforços em relação à Eurásia. A interpretação estratégica de Brzezinski dos resultados necessários nas sub regiões para o sucesso da geoestratégia americana, então, é a seguinte:

(1) o espaço central deve ser atraído cada vez mais para o núcleo oeste do continente, onde o poder americano predomina; (2) a região sul não deve ser subjugada perante um único poder; (3) e o leste não pode se unir de forma a impedir a presença norte-americana. (BRZEZINSKI, 1997, p. 35.).

Nesse quadro, os rivais dos EUA podem ser ditos como aqueles que são chamados por Brzezinski de *active geostrategic players* (jogadores geoestratégicos ativos) e que estão engajados em expelir os Estados Unidos da Eurásia. Em sua

definição, são aqueles que possuem a vontade política e que são capazes de exercer seu poder e influência para além de suas fronteiras nacionais, de forma que podem afetar os interesses dos EUA. Em sua análise, a Rússia e a China destacam-se como as principais ameaças à preservação da hegemonia estadunidense. (BRZEZINSKI, 1997).

Por fim, Brzezinski define os *geopolitical pivot states* (estados-pivô geopolítico): são estados cuja importância geopolítica é derivada da sua localização estratégica, normalmente com sua geografia favorecendo o acesso à áreas estratégicas, às vezes funcionando como um impedimento contra a influência de *players* geopolíticos rivais. À época da publicação de sua obra, Brzezinski já reconhecia como estados pivô geopolítico os seguintes países: Ucrânia, Azerbaijão, Coreia do Sul, Turquia e Irã. Percebe-se que cada um deles se encontra em uma das regiões críticas para atuação dos EUA, isto é, oeste eurasiático ou Europa, extremo leste e região sul da Eurásia. Segundo ele:

A identificação dos pivôs geopolíticos eurasiáticos chave no período pós Guerra Fria, e sua proteção, é portanto um aspecto crucial da estratégia global estadunidense. (BRZEZINSKI, 1997, p. 40).

#### 1.4 Cohen

Saul B. Cohen (1925-2021) desenvolveu teorias que dialogam mais com os cenários geopolíticos contemporâneos, sendo de grande importância o seu conceito conhecido como *shatterbelt*. Este conceito diz respeito a uma área fraturada internamente por grupos de interesse distintos, cuja desagregação é intensificada pela interferência de um ou mais países de grande força geopolítica, ou como ele os denomina, *major powers*, normalmente líderes de suas respectivas áreas de domínio político. (COHEN, 2014)

Cohen entende as relações internacionais moldadas em vários níveis, desde escalas maiores até as menores. Esse tipo de abordagem se relaciona ao seu conceito de *shatterbelt* onde atores de diferentes graus de poder geopolítico influenciam na situação de um ator intermediário<sup>5</sup>. Em sua visão, o equilíbrio

---

<sup>5</sup> O atual conflito na Ucrânia nos ilustra esses tipos de atores. Nesse caso, Rússia e Estados Unidos representam os grandes poderes, a Ucrânia é o ator que sofre a influência dos jogadores maiores e os grupos domésticos pró Rússia e pró ocidente são os de menor escala e que representam a fratura interna dentro do país..

preservado pelas grandes potências depende de sua rede de aliados agrupados em diferentes escalas da geopolítica global. (COHEN, 2014).

No plano macro, o ponto mais importante é a definição dos *geostrategic realms*, ou domínios geopolíticos. De acordo com Cohen, os domínios geopolíticos são áreas grandes o suficiente para adquirir influência global e capacidades que jogam em favor dos grandes poderes existentes dentro do domínio. Dentre seus fatores mais determinantes encontra-se o nível de influência dos planos marítimos e terrestres em sua conformação. Portanto, segundo o geógrafo:

“No mundo atual, três domínios geoestratégicos se desenvolveram: o domínio marítimo compreendendo o Pacífico e o Atlântico, economicamente avançado; o *heartland* eurasiático continental russo; e o domínio misto, continental-marítimo, do Leste da Ásia”. [tradução livre. (COHEN, 2014, p. 41.).”

O primeiro deles tem como líder os EUA. Por meio de sua autoridade sobre esse domínio, os EUA possuem grande capacidade de exercer seu poder por meios marítimos através dos oceanos Atlântico e Pacífico, promovendo intercâmbios de poder com seus aliados, principalmente com a UE. Os dois domínios geopolíticos seguintes, liderados por Rússia e China, compartilham algumas similaridades, porém suas conjunturas diferem totalmente. A começar pela Rússia que possui controle do *heartland* em quase sua totalidade, e uma presença na Ásia Central incomparável. Já a China é o polo de poder do sudeste asiático, localizada numa região de duplas frentes que mistura grandes capacidades continentais aliado a um grande acesso ao mar com uma economia voltada à exportação, o que implicou num forte investimento na área naval. (COHEN, 2014).

Os *shatterbelts*, como explicado por Cohen, são estruturas geopolíticas dinâmicas e apresentam a possibilidade de surgimento e dispersão conforme a interação entre os domínios geopolíticos citados acima. Ele argumenta que as fronteiras dos entornos geopolíticos preservam interesses nacionais críticos para seus atores, o que inclui razões econômicas, ideológicas e culturais. Esses interesses nacionais podem convergir ou divergir tanto de interesses de domínios rivais quanto de grupos nacionais de escala menor, sendo elas as esfera meso (que representa as regiões geográficas) e micro (que representam estados nacionais e/ou grupos domésticos). Essa conjuntura, por sua vez, pode resultar na eclosão de novos *shatterbelts* conforme as áreas de influência dos *great players* compitam

entre si, ou *gateways* no caso de haver interesses que sejam cooperativos. (COHEN, 2014).

## 2. Contextos de China e Rússia - Expansão e Recuperação

### 2.1 Rússia

Os anos 2000 marcaram o início da retomada russa, pois neste período foi demonstrado uma considerável alteração política após Vladimir Putin assumir o poder no país. A partir desse ponto se seguem estratégias voltadas para a restauração do poder e *status* da Rússia como uma superpotência, sendo a primeira ação de maior notoriedade internacional de Putin, a repressão dos movimentos separatistas na Tchetchênia, denotando uma busca por controle e poder no *rimland*, área que é crucial para a sustentação do poder geopolítico. Sob seus sucessivos governos, a Rússia obteve um desempenho econômico melhor, que se beneficiou do aumento dos preços de petróleo e gás, dado o momento de valorização dos *commodities* característico da década de 2000 e a forte presença russa nesse ramo da economia, representada pelos 1,688 trilhões de pés cúbicos de gás natural, estimadas em 2021. (*U.S Energy Information Administration, 2021*) (COSTA, 2015).

Putin também conseguiu outros avanços, entre os quais encontra-se a diminuição da pobreza, conforme exemplificado pelo número de cidadãos vivendo abaixo da linha da pobreza que passou de 40% em 1998 para 11% em 2013 (*CIA World Factbook, 2022*). Parte da estratégia de Putin também passou por estatizar setores chave da economia russa, como é o caso da área energética de gás e petróleo, o setor bélico, nuclear, metalúrgico e de telecomunicações. Segundo Moniz Bandeira:

Putin realizou uma política de compromissos, mediante a intermediação do Estado, estabilizou a elite política e empreendeu a construção de um sistema econômico híbrido em que o Estado passou a controlar quase 50% da economia. (MONIZ BANDEIRA, 2016, p. 134).

Não obstante os ganhos já apontados, Putin conseguiu consideráveis melhoras no setor industrial, focando em áreas de alta tecnologia como a de defesa e nuclear. Além disso, compondo esse contexto de retomada, foi testemunhado um aumento dos investimentos nacionais e internacionais na Rússia, além de um acelerado crescimento do PIB, que passou de 195,91 bilhões de dólares em 1999 para 2,29 trilhões em 2013. (WORLD DATA BANK, 2023)



Devido à larga gama de países satélites englobados no leste da cortina de ferro, a Rússia garantiu para si uma vasta área de influência geopolítica. Nessa lógica de reestruturação, a Rússia encara como um fator determinante para sua geopolítica de grande potência a reincorporação desses países, que já foram parte da extinta URSS, em sua atual esfera de influência geopolítica. Isto é, reabsorver autoridade sobre porções territoriais do *rimland* com o objetivo de reestruturar seu poder político internacional de superpotência. É visando esse objetivo que Moscou passa a atuar ostensivamente em regiões do Cáucaso, leste europeu e Ásia Central com o objetivo de refrear os avanços ocidentais da OTAN e União Europeia. (COSTA, 2015).

## 2.2 China

A China tem uma trajetória recente marcada pelo seu vertiginoso crescimento na economia e na política internacional. Destacam-se em sua atuação os projetos de integração econômica internacional - como a *Belt and Road Initiative* - e a fundação de bancos para o desenvolvimento de projetos de infraestrutura. Essa postura tem início durante a administração de Xi Jinping. Anteriormente, a atuação do gigante asiático era marcada por uma política de *low profile*, isto é, um modelo de atuação que não possuía um caráter contestatório e que optava por um comportamento discreto. Porém, a partir de 2013, a *low profile policy* saiu de cena dando espaço para uma política marcada por maior assertividade, com uma diplomacia mais ativa em relação ao mundo nos assuntos de interesse chinês. Nesse sentido, Pequim tem se mostrado como um jogador dinâmico e ativo. (YUAN, 2015) (HUANG, 2022)

Seguindo essa lógica é que surgem iniciativas contra-hegemônicas que fortalecem a busca pelos interesses internacionais chineses, sendo a mais notável a *Belt and Road Initiative* (A Nova Rota da Seda). Este empreendimento, ao mesmo tempo em que reforça o novo rumo tomado por Xi, também denota um nítido enfoque do esforço geopolítico da China em direção ao *rimland*, tendo como objetivo criar uma linha de conexão comercial entre a China, países da Ásia, Europa e África por meio da *Silk Economic Road*, a qual envolverá a Ásia Central, a Rússia, o Oriente Médio e a Europa (boa parte da Eurásia). A *Maritime Silk Road*, frente oceânica do projeto, tem por objetivo conectar os principais portos chineses com as

regiões do Oceano Índico, Canal de Suez e Mar Mediterrâneo, sendo um reflexo do trajeto terrestre porém por vias marítimas. (KOTZ, 2017).

Objetivamente, a China possui grande capacidade e disposição para realizar investimentos internacionais, ao mesmo tempo em que diversos países em desenvolvimento buscam formas de crescer. Sendo assim, favorecendo a BRI e a cooperação econômica entre nações, surge em 2016, por iniciativa chinesa, o AIIB (*Asian Infrastructure Investment Bank*). Contando com mais de 100 países, incluindo membros regionais da Eurásia e parceiros não regionais, o Banco Asiático para Investimentos em Infraestrutura se tornou um importante ativo chinês para contrabalançar as instituições financeiras tradicionais de origem ocidental; e juntamente com projetos como o BRI oferece aos países emergentes alternativas aos modelos das nações dominantes, como os EUA, Japão e UE. Por fim, é nítido que, apesar das declaradas motivações econômicas, há implícito nesses projetos um forte teor geopolítico, pois por meio da interação econômica, da fundamentação das rotas comerciais e da cooperação estratégica a China vai progressivamente fortalecendo sua esfera de influência geopolítica, sobretudo no *rimland*, área crucial para os interesses geopolíticos de Beijing. Como explicado por Kotz: “A Nova Rota da Seda pode ser vista como um projeto pacífico, porém pragmático de aumento da zona de influência da China em uma região de grande relevância geopolítica e econômica como a Eurásia.” (KOTZ, 2017, p. 11).

### **3. Competição atual entre as grandes potências**

#### **3.1 Frente europeia - EUA vs Rússia**

A geopolítica da Europa possui alguns atores importantes, a começar pela OTAN (Organização Tratado do Atlântico Norte). Criada em 4 de abril de 1949, a OTAN se constitui como um tratado de segurança coletiva de cunho militar liderado pelos EUA. Ela surgiu no cenário pós Segunda Guerra Mundial, época em que EUA e União Soviética eram as únicas superpotências globais. Inicialmente, seu propósito era assegurar a influência dos Estados Unidos sobre a Europa Ocidental e contrabalançar a esfera de influência soviética. A OTAN contou com 12 membros fundadores: Bélgica, Canadá, Dinamarca, França, Islândia, Itália, Luxemburgo, Holanda, Noruega, Portugal, Reino Unido e Estados Unidos; e segundo Moniz Bandeira (2016, p. 53): “A adesão à OTAN, uma organização militar, ainda que aparentemente defensiva, implicava necessariamente certa perda de soberania dos

países da Europa Ocidental [...]”. Essa perda de autonomia se deve ao fato de que esses países, ao aceitarem participar da OTAN, concordaram com a presença estadunidense sobre suas terras e com o fato de que estariam fazendo parte da esfera de influência geopolítica dos EUA, assim estando sujeitos a suas deliberações.

No cenário bilateral da Guerra Fria surge a contrapartida soviética para a OTAN, o Pacto de Varsóvia, o qual também era um tratado militar de segurança coletiva. Foi fundado em 1955 e, além da URSS, o bloco contava com as repúblicas socialistas do leste europeu: Albânia, Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Romênia. A implantação de regimes comunistas nos países do leste/centro europeu, bem como a consolidação do Tratado de Varsóvia, corresponderam aos anseios de Moscou em criar uma barreira de amortecimento para a influência ocidental, e de maneira análoga, assegurar a sua própria esfera geopolítica sobre essa região. Fica claro, portanto, que a cortina de ferro do Pacto de Varsóvia e a consolidação da OTAN ilustram um cenário de rivalidade entre dois pólos de poder sobre o *rimland*, o qual desde já tinha sua relevância manifestada no jogo de poder das superpotências.

Foi na década de 1990, com a dissolução da URSS, que o quadro de relativo equilíbrio entre os dois pólos de poder terminou. Aos poucos a esfera de influência geopolítica de Moscou foi encolhendo devido aos problemas estruturais e sistêmicos que acometiam a URSS. Por fim, a desintegração do Pacto de Varsóvia foi seguida da dissolução da União Soviética, o que num quadro geral representou a retração do domínio geopolítico russo, o qual perdeu a capacidade de exercer sua influência incisiva na Europa. Aproveitando-se do vácuo de poder na Europa Oriental, decorrente da queda da URSS, os EUA optaram por progressivamente abarcar, através da OTAN, as repúblicas que se viram livres da superpotência soviética. Sendo assim, o que foi observado ao longo do tempo foram sucessivas incorporações de novos países à OTAN, a esmagadora maioria deles sendo de nações que saíram do domínio geopolítico da extinta URSS. Essa manobra, representa em boa medida o avanço da influência norte-americana sobre uma porção considerável do território do *rimland* europeu, bem como a tentativa de incorporação geopolítica de estados pivô tal qual, mais atualmente, a Ucrânia. Como indicado por Brzezinski (1997, p.46):

Ucrânia, um espaço novo e importante no tabuleiro de xadrez da Eurásia, é um pivô geopolítico porque sua própria existência como país independente ajuda a transformar a Rússia. Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império eurasiático. [tradução livre].

Atualmente, como boa parte da esfera de influência tradicional russa já se encontra sob domínio norte-americano, resta, então, no tabuleiro do *rimland* europeu, a Ucrânia. Podemos entender, portanto, que a Rússia não aceitaria facilmente perder a sua influência sobre esse país. Por outro lado, é previsível que as ondas de expansão da OTAN continuem, visto que essa se mostrou ser a estratégia escolhida por Washington desde o fim da Guerra Fria<sup>6</sup>. É nítido que o avanço da OTAN é um processo significativo, entretanto anteriormente a ele existiu um fenômeno de grande valor para a política externa russa e que causa uma interferência direta na estratégia da OTAN. Esse fenômeno é a diáspora russa, a qual se deu sobre os países do seu entorno geopolítico tradicional durante séculos mas sobretudo durante o período da URSS. O povoamento empreendido pela Rússia no seu entorno geopolítico ao longo do tempo deixou uma herança duradoura que não foi eliminada com o fim da URSS. Conseqüentemente, russos nativos e/ou étnicos habitam em grande quantidade todo o entorno russo clássico, sobretudo nos países que compuseram a URSS, e entre eles a Ucrânia. (SENCERMAN, 2018).

Nesse países com grande concentração de russos étnicos são recorrentes os casos de discriminação e injúria contra esses grupos que, apesar de numerosos, são numericamente minoritários. Segundo Sencerman (2018, p. 41): “Conforme esses estados recém independentes estão recriando suas identidades nacionais, suas população russas e russófonas estão enfrentando discriminação e marginalização”[tradução livre]. Com isso, os remanescentes russos nas ex-repúblicas soviéticas se estabelecem como uma ponte para a política externa russa, que busca reforçar sua influência por meio de estratégias que prezem pela preservação e fortalecimento cultural identitário desses grupos. Moscou utiliza-se da presença étnica russa além de suas fronteiras para aplicar estratégias que buscam a integração desses países em sua órbita de influência ou, ao menos, dificultar a inserção na esfera de influência estadunidense.

---

<sup>6</sup> Corroborando o ponto apresentado, se incluem nessa discussão a entrada da Suécia e Finlândia na OTAN, com a devida incorporação da última durante a guerra na Ucrânia.

É sob a luz desses eventos que podemos conjecturar a formação de novos *shatterbelts*, ao passo que as cisões internas são exploradas pela interferência dos grandes poderes em questão. Nesse caso, com a sobreposição dos entornos geoestratégicos de Estados Unidos e Rússia inflamando os grupos domésticos, no interior de países como a Ucrânia, pró ocidente ou pró Moscou, no sentido de deslocá-los para suas respectivas órbitas geopolíticas<sup>7</sup>. A Guerra na Ucrânia expõe o embate dos dois maiores entornos geoestratégicos na Europa sobre a primazia do *rимland* europeu, num conflito que se dá sobre um estado pivô e que, pela sua natureza, constitui o mais importante exemplo do conceito criado por Cohen, o *shatterbelt*, da atualidade.

Por um lado, os EUA seguem com sua estratégia de expansão sobre os territórios tradicionalmente parte da esfera russa, e para isso conta com o apoio local de grupos favoráveis à adesão ao Ocidente. As dificuldades econômicas, crises, dívida e inflação, fizeram boa parte da população ucraniana, como explicado por Moniz Bandeira (2016), acreditar que filiar-se às estruturas ocidentais como OTAN e União Europeia trariam uma elevação na qualidade de vida, o que favorece o apoio ao ocidente. Por outro, a Rússia entende a Ucrânia como um estado crucial para seu poder na Europa e para a garantia de sua condição como potência, sem ela qual sua influência e alcance geopolítico seriam drasticamente reduzidos.

Logo, considerando a intrínseca correlação entre esses dois países, as elevadas vantagens geopolíticas assimiladas pela Ucrânia - tanto para os EUA quanto para a Rússia - e o histórico de retração do entorno geopolítico russo após fim da URSS, é manifesto e compreensível a elevação das tensões no conflito na Ucrânia aos níveis testemunhados, com nenhum dos lados querendo ceder. Em suma, manter a Ucrânia fora do domínio geopolítico estadunidense é um objetivo crítico para a Rússia, enquanto que, para os EUA, bloquear definitivamente a influência russa sobre a Ucrânia seria um fenômeno que a Rússia dificilmente seria capaz de reverter.

---

<sup>7</sup> Diante disso, o conflito observado hoje na Ucrânia corrobora a visão aqui apresentada, uma vez que expõe uma clara justaposição dos domínios russo e estadunidense na busca pela primazia geopolítica sobre o país ucraniano.

### 3.2 Frente Asiática - EUA x China

O segmento do *rimland* localizado no leste asiático, tocando o Oceano Pacífico, é uma importante região na política internacional, pois é onde se dá a maior parte da colisão geopolítica das esferas de influência das duas maiores potências atuais, China e Estados Unidos. Um ponto importante é que a China se situa no *Rimland*, dessa forma, ela apresenta a capacidade de perseguir seus interesses geopolíticos por vias continentais, bem como buscar elevar seu poder no âmbito marítimo. Isso é refletido no projeto de infraestrutura chinês *Belt and Road Initiative*, visto que este busca sua expansão tanto por vias marítimas quanto terrestres, sempre na intenção de vincular as regiões do *rimland*. Com essa premissa, atualmente a China busca estender seu poder para fora de seu próprio litoral enquanto se consolida como uma grande potência. O atrito com Washington tende a crescer pois nessa conjuntura existe um conflito de interesses com os EUA, o qual tenta manter sua tradicional posição de supremacia no Pacífico, conquistada após a II Grande Guerra, por meio de fortes alianças regionais.

Quanto ao alcance das esferas de influência geopolítica, Cohen (2014) afirmava que o domínio chinês enquadra sobretudo os países da Indochina, sendo o principal deles o Vietnã. É fato que a relação entre China e Vietnã hoje em dia é melhor do que em décadas anteriores, o que se traduz nos altos níveis de intercâmbio econômico e comercial entre os países, e na importância que o Vietnã possui para a realização dos projetos continentais e marítimos da China. Porém, existe uma cooperação estratégica dos EUA com o Vietnã, o que se reflete em diversos acordos econômicos e militares que favorecem a presença norte-americana no país. É nítido, portanto, que tanto China quanto EUA percebem no Vietnã um alto valor geopolítico, sobretudo para o controle do Sudeste Asiático e da região do Mar do Sul da China (*SPECIAL EURASIA*, 2022). Logo, é viável considerar o Vietnã como um estado pivô nesse contexto.

Já a esfera de influência estadunidense tem o principal ponto de fixação de seu poder, na região, no Japão, país esse que nutre uma forte aliança com os EUA desde o plano Colombo de reestruturação regional após o fim da II Guerra Mundial. Cohen chegou a considerá-lo o país mais rico e avançado do Pacífico, com investimentos em diversos outros países, com um forte caráter de liderança econômica na Ásia, e que considerava a aliança com os EUA como essencial para uma maior participação no mercado internacional, bem como o garantia da sua

segurança e de sua independência regionais (COHEN, 2014). O Japão, além de ser uma das maiores economias do mundo e o mais proeminente aliado estadunidense no leste asiático, possui ao redor de si uma rede de países com os quais compartilha relações próximas e interesses de segurança similares. Entram nessa equação, segundo Cohen (2014), Malásia, Tailândia e Cingapura, países mercantes que mesmo mantendo relações comerciais importantes com a China, dependem dos EUA e Japão para manter sua integridade nacional e resistir a uma pressão chinesa sobre a região.

Os EUA gradualmente passaram a orientar a sua política externa para o quadro geopolítico asiático. Na administração Trump, estratégias mais visíveis passaram a ser implementadas no sentido de fortalecer as forças estadunidenses no Pacífico, fomentar os laços militares com Austrália, Japão e Coreia do Sul, aumentar os laços diplomáticos com Taiwan e apresentar a China como uma inimiga dos valores ocidentais. A ideia era impedir que Pequim alterasse o arranjo estabelecido pelos Estados Unidos no Pacífico, e para isso foi defendida a formação de arranjos de segurança mais ostensivos na região. Essa diretriz da política estadunidense se relaciona diretamente com a ideia de Brzezinski (1997) de que os EUA devem atuar de forma a prevenir que uma união no leste do *rimland* impeça a presença norte-americana, constituindo assim uma de suas frentes estratégicas.

Sendo assim, foram institucionalizadas a iniciativa militar do QUAD, abreviação de Diálogo de Segurança Quadrilateral (*Quadrilateral Security Dialogue*), que tem como membros três aliados militares - Austrália, Japão e EUA - e um país de alinhamento não definido, a Índia; e a AUKUS, formada por EUA, Reino Unido e Austrália também com foco na cooperação militar e atuação no Pacífico para contenção chinesa, sendo inclusive o maior acordo no setor de defesa firmado por esses três países desde o fim da Segunda Guerra Mundial (KLARE, 2020). Além desses aliados estadunidenses mais tradicionais, existe a intenção por parte de Washington de formar uma corrente de países que possam atuar na tarefa de bloquear a expansão da esfera de influência geopolítica da China. Para Klare (2022), as posições do EUA em relação ao Pacífico apontam para um plano mais abrangente:

(...)estipulando uma corrente contínua de países sentinela - se estendendo do Japão e Coreia do Sul no Pacífico Norte até a Austrália, Filipinas, Tailândia e Cingapura no Sul e Índia no flanco ocidental - preparados para cercar e conter a República Popular.

Ameaçadoramente, Taiwan também está incluído na projetada rede anti-China. (KLARE, 2022, p. 4).

Logo, passa a ser nítido o papel central que Taiwan tem ao passo que esses dois domínios geoestratégicos elevam seus esforços no Pacífico. Dessa forma, o primeiro tópico que podemos afirmar é que, nessas condições, Taiwan passa a ser encarado como um pivô geopolítico, isso porque possui uma importância fundamental para ambos os lados da disputa entre superpotências. Para a China, Taiwan é e sempre foi parte constituinte de seu território e a sua integração ao corpo geográfico e ao arcabouço estatal chinês compõem um fator primordial nos interesses de Pequim. Por outro lado, os EUA enxergam na ilha um baluarte fundamental para o refrear o avanço do poderio Chinês sobre as águas do Pacífico, visto que é o primeiro corpo terrestre de maior expressividade ao redor da China continental.<sup>8</sup>

Isto posto, pode-se pensar na hipótese de que Taiwan, e a região oceânica ao redor da costa Chinesa, tem os atributos necessários para muito em breve ser considerada um *shatterbelt*, conforme as disputas pela primazia geopolítica se tornem cada vez mais acirradas entre os domínios estadunidense e chinês. Cohen, além de indicar o forte ponto de atrito em Taiwan, também faz referência às tensões na península coreana. “No presente, o centro da Península Coreana e o estreito de Taiwan formam fronteiras de tensão entre o círculo pacífico asiático e o domínio geoestratégico do leste asiático (COHEN, 2014, p. 346)”. Além do vasto número de bases norte-americanas nos países aliados, e as recorrentes demonstrações de força de seu poderio militar naval no Pacífico, um outro fator que contribui para a designação do *shatterbelt* englobando, além de Taiwan, as regiões marítimas ao redor da China, é o estabelecimento de diversas bases militares chinesas em pequenas ilhas artificiais nessa área oceânica com o objetivo de fortalecer sua autoridade e poder na região.

Levando tudo isso em consideração, fica nítido que a estrutura geopolítica atual do segmento Ásia-Pacífico do *rimland* consiste claramente em uma das áreas de maior atrito entre as duas esferas de influência geopolítica. China e EUA foram paulatinamente militarizando a região e hoje competem pelo posto de poder

---

<sup>8</sup> Além da geografia de Taiwan, sua importância é também destacada pela disputa tecnológica acerca dos microchips. O que, claramente, constitui um fator que é levado em conta tanto por Pequim quanto por Washington.



hegemônico. Nesse contexto, Taiwan entra como um pivô geopolítico, dada sua elevada importância para ambos os lados do conflito e podendo ser um ponto de virada no jogo de poder asiático. A disputada ilha, inclusive, soma características que podem levar à eclosão de um *shatterbelt* em seu território e nos mares adjacentes, por se tratar de uma área de sobreposição dos entornos geoestratégicos chinês e estadunidense.

### Considerações Finais

A partir desse estudo, conclui-se que a Eurásia é e continuará a ser a área continental mais estratégica da Terra para fins de poder, sendo importante demais para ser negligenciada pela política externa de qualquer Estado que seja, ou deseje se tornar, uma grande potência. Esse raciocínio também é válido para as nações do Sul Global, as quais devem permanecer atentas às movimentações que acontecem na Eurásia pois estas, por sua vez, determinarão as próximas tendências mundiais. Entretanto, apesar de esses atores da escala *macro* da geopolítica mundial estarem todos tentando simultaneamente assegurar e expandir seu poder sobre o megacontinente, este, como apontado por Brzezinski (1997), é grande demais para ser politicamente unificado, o que o torna o principal tabuleiro do jogo geopolítico mundial. Logo, os grandes poderes que possuem mais chances de triunfar nesse quadro são aqueles cujo cálculo geopolítico e a definição de uma estratégia para posicionamento e ampliação de seu domínio geoestratégico for mais eficiente em relação aos seus rivais.

A partir dos dados levantados por esse estudo, conclui-se que a área que se encontra mundialmente em disputa pelas grandes potências *ainda é o rimland*. Logo, a alocação e posicionamento dos países que permeiam o *rimland* sob as esferas de influência geopolítica de China, EUA e Rússia é, conseqüentemente, um fator crítico para a preponderância de qualquer um desses grandes atores na região. Ou seja, quanto mais aliados e países alinhados sob um determinado domínio geopolítico de cada um desses três grandes estados, maior será o respectivo poder sobre a Eurásia.

Nessa lógica, é nítida a atuação dos grandes poderes sobre toda a extensão do *rimland* no sentido de agregar países sob sua própria esfera, seja por meios diplomáticos, militares ou econômicos, com o objetivo de garantir sua própria autoridade geopolítica em um dado país. Com isso, a formulação teórica do

*shatterbelt* de Cohen (2014) ganha grande importância para a análise dessa conjuntura, visto que as esferas de influência das três grandes potências acabam muitas vezes se sobrepondo competitivamente sobre um país ou região, o que por sua vez pode despertar ou aumentar as cisões internas nesse território, culminando em conflitos, guerras ou situações de crise.

A atual elevação das tensões em regiões do *rimland*, portanto, não constitui mera coincidência, mas sim uma consequência direta da disputa de poder entre Moscou, Pequim e Washington na conformação, preservação e/ou expansão de seus domínios geopolíticos sobre os países de menor hierarquia de poder que permeiam a Eurásia. Os exemplos mais expressivos dessa atual estrutura de poder mundial são: a Guerra na Ucrânia, consistindo na convergência competitiva dos domínios geopolíticos de EUA e da Rússia; e a crise em Taiwan e no Mar do Sul da China, a qual reflete a estratégia de expansão e dominância regional da China, acompanhado de uma estratégia de contenção por parte dos EUA, o que gera um forte ponto de atrito entre suas respectivas esferas de influência.

Esses são dois dos eventos mais importantes da conjuntura atual da geopolítica mundial, entretanto, o que se pode concluir é que elas são apenas o começo do que pode ser um longo período de competição sobre o *rimland*. E pela forma como se dá a expansão dos entornos geoestratégicos e a maneira como eles entram em atrito, é possível afirmar que novos *shatterbelts* irão surgir à medida que China, EUA e Rússia busquem expandir seu poder ou impedir a perda do mesmo. Como aponta Cohen (2014), *shatterbelt* não é uma região geográfica perene, mas sim uma conjuntura determinada por fatores estruturais onde a disputa entre grandes potências explora ou gera cisões internas a uma região geográfica ou país. Sendo assim, a disputa pela posição de hegemonia mundial será determinada em grande medida por meio das disputas de poder nos *shatterbelts* já existentes da Eurásia, e também daqueles outros que venham a surgir como resultado da competição crescente entre Moscou, Pequim e Washington buscando integrar um maior número de atores aos seus domínios geopolíticos.

#### Referências

BRZEZINSKI, Zbigniew. **The Grand Chessboard: American Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. 1. ed. New York: Basic Books, 1997.

THE CIA WORLD FACTBOOK. **Russia**. [Online]. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/russia/>. Acesso em: 12 jul. 2022.

COHEN, Saul Bernard. **Geopolitics: The Geography of International Relations**. 3. ed. New York: Rowman & Littlefield, 2014.

COSTA, Wanderley M. D. "O reerguimento da Rússia, os EUA/OTAN e a crise da Ucrânia: a Geopolítica da nova Ordem Mundial". **Confins [Online]**, n. 25, nov. 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/10551>. Acesso em: 27 abr. 2023.

HUANG, K. "China Is Locked Into Xi Jinping's Aggressive Diplomacy". **Foreign Policy**, n. 2, dez. 2022. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2022/12/02/china-xi-jinping-aggressive-diplomacy/>. Acesso em: 15 mai. 2023

KLARE, Michael T. "Encircling" China is a very bad idea". [Online] **Jacobin**, jan. 2022. Disponível em: <https://jacobin.com/2022/01/encircling-china-united-states-defense-ndaa-biden-administration-cold-war-quad>. Acesso em 25 abr. 2022.

KLARE, Michael T. "The new Cold War with China". [Online] **Responsible Statecraft**, 2020. Disponível em: <https://responsiblestatecraft.org/2020/06/14/the-new-cold-war-with-china/>. Acesso em 25 abr. 2022.

KOTZ, Ricardo Lopez. "A Nova Rota da Seda: a fundamentação geopolítica e as consequências estratégicas do projeto chinês". In: II Encontro Regional Sul da ABED, Porto Alegre. Anais Eletrônicos, Porto Alegre: ABED e Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, 2017. p. 1-21. Disponível em: <http://www.erabedsul2017.abedef.org/site/anaiscomplementares#K>. Acesso em 25 abr. 2022.

MACKINDER, Halford John. "The Geographical Pivot of History". **The Geographical Journal**, Londres, mai. 1904, v. 23, n. 4, p. 421-443. Disponível em: [https://www.iwp.edu/wp-content/uploads/2019/05/20131016\\_MackinderTheGeographicalJournal.pdf](https://www.iwp.edu/wp-content/uploads/2019/05/20131016_MackinderTheGeographicalJournal.pdf). Acesso em: 12 fev. 2022.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Desordem Mundial: o espectro da total dominação - guerras por procuração, terror, caos e catástrofes humanitárias**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

SENCERMAN, Oncl. "Russian Diaspora as a Means of Russian Foreign Policy". **Military Review**, March-April 2018, p. 41-49. Disponível em: <https://www.armyupress.army.mil/Journals/Military-Review/English-Edition-Archives/March-April-2018/Sencerman-Russian-Diaspora/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

SPECIAL EURASIA. "Vietnam: a disputed land between the United States and China". **Geopolitical Intelligence & Risk Assessment**, Jul. 2022. Disponível em: <https://www.specialeurasia.com/2022/07/04/vietnam-china-united-states/> Acesso em: 17 mai. 2023.

SPYKMAN, Nicholas John. **The Geography of the Peace**. 1. ed. New York: Harcourt Brace and Company, 1944.

THE WORLD BANK. [Online]. **GDP (current US\$) - Russian Federation** Disponível em: <https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?end=2013&locations=RU&start=1988>. Acesso em 17 dez. 2022.

U.S ENERGY INFORMATION ADMINISTRATION. **Russia** [Online] Disponível em: <https://www.eia.gov/international/analysis/country/RUS>. Acesso em 11 mar. 2022.

YUAN, Jingdong. **Remapping Asia's Geopolitical Landscape: China's Rise, U.S Pivot, and Security Challenges for a Region in Power Transition**. Sydney: University of Sydney, 2015.

*Recebido em 24 de Julho de 2023.*

*Publicado em 11 de Outubro de 2023.*